

Scalabrini e os Leigos

Neste artigo vamos ver primeiramente o pensamento teológico do Beato Scalabrini sobre o laicato e depois a sua atitude prática. E digamos logo, para não suscitar expectativas vãs, que quanto ao pensamento teológico Scalabrini fazia coro com o pensamento da época.

100 anos depois: 1905 – 2005

**Beato João Batista Scalabrini
Bispo e Fundador**



Scalabrini e os Leigos

Neste artigo vamos ver primeiramente o pensamento teológico do Beato Scalabrini sobre o laicato e depois a sua atitude prática. E digamos logo, para não suscitar expectativas vãs, que quanto ao pensamento teológico Scalabrini fazia coro com o pensamento da época. De resto, o Diretor do Secretariado Nacional Francês para a Informação Religiosa recordou, um ano antes do lançamento do documento conciliar sobre o apostolado dos leigos "Apostolicam actuositatem" (Sobre o Apostolado dos Leigos), esta reflexão de um bispo: "Há apenas 40 anos, em muitos ambientes da Igreja, falar de apostolado dos leigos era receoso: suspeito de modernismo".

O Pensamento Teológico sobre o Laicato

"Vós, leigos, podeis muito, já que, como bem vos definiu um insigne publicista não sois uma velhice que passa, mas uma juventude que nasce. Cabe-vos apropriar-vos da sociedade, refazê-la cristã, trabalhando com amplidão de idéias, com tenacidade de propósitos, a fim de que o espírito católico penetre em toda parte e revista tudo o que é elemento da vida intelectual, moral e, muitas vezes, também física do homem" (Pastoral "União, Ação e Oração", 1890).

Nos escritos de Scalabrini há uma série de documentos que revelam plenamente o seu pensamento a esse propósito e que, se os confrontamos, pois, com o que ele realizou com os leigos, nos faz concluir que uma coisa é a teoria e outra é a práxis pastoral; porque mesmo com uma eclesiologia datada, Scalabrini fez do laicato algo que antecede e, de alguma maneira, antecipa os tempos. Pode haver uma boa ortopraxia também com uma ortodoxia que nem sempre atinge o alvo.

A eclesiologia da época e de Scalabrini, via a Igreja, antes de tudo, como estrutura hierárquica, enquanto o Concílio Vaticano II a vê, antes de tudo, como mistério de comunhão com Deus, por isso a coisa mais importante é ser na Igreja filhos de Deus e, depois, vem a tarefa que cada um exerce nesta comunhão como sacerdote, religioso ou

leigo. Isso fazia com que os leigos não tivessem a sua identidade no “consagrar as realidades terrenas” (sociais, políticas, econômicas, culturais), isto é, no fazê-las crescer com o fermento cristão, mas em serem os “suplentes” dos sacerdotes. Em 1882, apresentando a Encíclica “Etsi nos” de Leão XIII, dirigida contra a Maçonaria, que é o poder leigo de Satanás, Scalabrini convida à colheita o poder leigo de Cristo, e convida os leigos a aderirem às associações católicas da Obra dos Congressos, surgidas em 1881. Contra a imprensa maçônica deve levantar-se aquela católica, na obediência aos bispos e com espírito evangélico, isto é, na verdade e na caridade. O leigo, todavia, encontra-se num estado diverso ao sacerdote, e o empenho mais do que um direito é um dever, um “débito”. Contudo, neste texto, além da terminologia “modernista” de “apostolado” e “sacerdócio” dos leigos, está o embrião a “consagração do mundo” do Vaticano II: as realidades sociais, políticas e econômicas, que o leigo deve cristãmente fermentar.

Na pastoral sobre a “Ação Católica” (1896), ação que consiste em levar “Jesus Cristo à escola, à família, à sociedade”, está delineado um programa de compromisso do leigo nas realidades econômicas, políticas, sociais e culturais. Satanás, diz Scalabrini, tem a sua igreja laica que são os maçons; Cristo tem a sua Igreja laica que são os leigos, chamados também estes pela força do Batismo (e aqui está a novidade teológica!) a defender a Igreja, como fizeram os primeiros cristãos. O mesmo pensamento já existia na Pastoral sobre “O Padre Católico”: Como vos disse outra vez, a Igreja não somos somente nós padres, nós Bispos, mas vós também, ó diletíssimos leigos, pelo Batismo recebido, sois membros, e em parte a formais. Portanto, também vós naturalmente deveis ajudar na sua prosperidade, no seu bem-estar”. (Pastoral “O Padre Católico”, 1892).

A atitude prática de Scalabrini diante do laicato

Visto o seu pensamento teológico sobre o laicato, vamos agora à práxis, sobretudo àquela relativa à “Obra dos Congressos” e à fundação da sociedade laical “São Rafael”. Foi dito “sobretudo”, porque haveria outros capítulos significativos sobre o interesse de Scalabrini pelo laicato: basta pensar somente com relação aos homens de cultura, com os assim ditos “distantes” e com os outros 50 mil professores e professoras de Catecismo que ele “formava”. A Obra dos Congressos é aquela associação laical católica, fundada na Itália em 1871, com a bênção do Papa, com o objetivo de fazer a Igreja entrar no circuito da sociedade, da qual uma série de bem conhecidas circunstâncias políticas e culturais a tinham deixado fora. O seu estatuto, no papel, mirava fazer sentir a presença da Igreja no mundo social, mas infelizmente, na sua direção, desde o nascimento mais que sobre posições sociais se fixou sobre posições políticas de reivindicações do poder temporal e de fechamento total com relação ao Estado Italiano.

Scalabrini inaugurou a “Obra dos Congressos” em Placência em 1881, um pouco tarde com relação ao seu ingresso (1876), mas, sobretudo, com uma certa desconfiança, devido a mistura de religioso e de político que nela se fazia e depois por uma certa invasão por parte dos leigos que a dirigiam, com relação ao poder dos Bispos. Acrescente-se, além disso, que os vários comitês eram mais fumaça do que assado, enquanto Scalabrini privilegiava a ação social concreta, como aquelas sociedades de mútuo socorro, as cooperativas de consumo e de produção, os bancos rurais, os bancos católicos, as sociedades operárias e agrícolas, etc. Quando ficou esclarecido este equívoco, com a aceitação formal por parte da Direção da Obra, pela obediência aos próprios Bispos, Scalabrini e os seus párocos a apoiaram com tanto entusiasmo que, em 1897, Placência era a cidade em que a Obra tinha o maior número de comitês depois de Milão, precisamente 227, com 6164 membros, 6 seções juvenis com 460 membros, 8 bancos rurais e 11 sociedades operárias de mútuo socorro.

“Vós desconfiais do elemento laico, tendes as vossas razões, mas eu gostaria de tê-lo como sócio da minha Obra (em favor dos migrantes na Europa), porque é um ganho duplo (material e moral)”: assim dizia Dom Bonomelli. E a resposta de Scalabrini é clara: “Nem eu desdenho a cooperação do laicato, mas, nas coisas estritamente religiosas, não amo os leigos iniciadores, porque dificilmente se despem dos fins secundários, principalmente políticos. Não se gritou tanto contra os bispos de cartola? (= os diretores da Obra dos Congressos). Amo a eqüidade e a coerência com todos” (Correspondência Scalabrini e Bonomelli).

A Fundação da Sociedade “São Rafael”

“Como já vimos, as necessidades a que estão sujeitos os nossos migrantes podem ser divididas em duas classes: morais e materiais e eu desejaria que surgisse na Itália uma Associação de padroado, que fosse ao mesmo tempo religiosa e leiga, de tal modo que respondesse plenamente a esta dúplici necessidade” (A Migração Italiana na América, 1887).

A Sociedade de São Rafael é uma instituição fundada por Dom Scalabrini, em Placência em 1889, e aprovada por Roma, com o objetivo precípua de proteção dos migrantes nos portos de embarque e desembarque, com toda espécie de iniciativa social: com centros de acolhida, alojamentos, ambulatórios, escritórios jurídicos, câmbio e expedição de dinheiro, providências diversas, etc. - Os estatutos da Sociedade de São Rafael, inspirados por Scalabrini, foram redigidos pelo célebre sociólogo Contardo Ferrini, hoje beato. Os sócios, geralmente da alta burguesia e nobreza de sangue ou de cultura, eram aqueles que também a financiavam, mediante a criação de Comitês nas grandes cidades, especialmente onde era grande o êxodo migratório. Enquanto Scalabrini ainda era vivo, na Itália, os Comitês eram uns 20. É interessante que também as mulheres participavam da Sociedade de São Rafael: elas, de fato, se revelavam as mais capazes para obter beneficência.

O presidente foi o marquês placentino Volpe Landi que, por ocasião da colaboração pedida pelo Ministério para a aplicação da lei sobre a emigração em 1901, apresentou estes dados: “A Associação de São Rafael constituiu 19 Comitês na Itália nos vários centros migratórios (...). Fundou em 1894 a missão no porto de Gênova (...) e no porto de Nova York em Ellis Island para a assistência aos italianos que desembarcavam nos Estados Unidos, mediante a fundação de uma casa de acolhida e do Comitê São Rafael naquela cidade (...), constituído por 16 pessoas da colônia italiana.

A isso segue-se uma série de outros sub-comitês junto às diversas missões espalhadas nos vários Estados da União (...). A Sociedade de São Rafael iniciou os contatos com os governos da Argentina e do Chile para obter a cessão em favor dos nossos migrantes, por meio dos missionários, de terras cultiváveis e resgatáveis mediante resgate garantido por formas especiais (...).”

No primeiro ano de vida, a Sociedade de São Rafael em Nova York prestou assistência a 20 mil dos 70 mil emigrantes italianos desembarcados. Dois de seus agentes estavam presentes em Ellis Island, pequena ilha em frente ao porto de Nova York onde eram feitas as operações de controle antes da aceitação dos imigrantes: serviam de intérpretes aos imigrantes, os ajudavam no câmbio, a pegar as bagagens, na procura dos endereços dos parentes e amigos e não os deixavam enquanto não estivessem seguros no barco de destino; visitavam os doentes, ofereciam contratos de trabalho garantidos, etc. – No primeiro ano hospedaram em seu albergue 325 necessitados.

“A Sociedade de São Rafael”, em seguida, abriu um centro análogo em Boston... Na

Itália, além da obra de assistência análoga no porto de Gênova e nas outras cidades onde foram criados os Comitês, desenvolveu uma atividade de sensibilização da opinião pública sobre os problemas migratórios e se empenhou a fundo no debate legislativo, que conduziu à nova lei de 1901, a qual recebeu de Scalabrini e dos seus ajudantes leigos, não só o espírito que lhe deu forma e as disposições fundamentais (= liberdade de migrar, mas não a liberdade de "fazer migrar", isto é, liberdade dada pela lei aos mercadores de carne humana), mas em grande parte também as suas propostas práticas e precisamente 15, entre as quais: a nomeação de um inspetor nos principais portos de embarque; a obrigação dos armadores de ter um médico a bordo; a instituição sob os cuidados do Ministério do Exterior, nos países de imigração, de Escritórios de proteção, informações e encaminhamento para o trabalho; a nomeação de inspetores de emigração viajantes nos países além-oceano, com a função de prestar informações ao Governo; a obrigação a cargo das Companhias de Navegação do alimento (sustento) e alojamento (hospedagem) gratuitos a qualquer migrante, a partir do meio dia que antecedia ao embarque até o dia em que efetivamente acontecia a partida (esta demora era motivo de exploração por parte dos albergadores combinados com os agentes): a isenção do serviço militar aos aspirantes a missionários para os migrantes e a isenção do serviço militar aos missionários que se encontram no exterior; o compromisso das Companhias de Navegação de transportar gratuitamente, ida e volta, os missionários; a instituição nos portos de Gênova, Nápoles e Palermo de alojamentos para a tutela dos migrantes; os requisitos e os controles de segurança para que um navio pudesse transportar migrantes; o princípio da tutela de remessas e poupanças dos emigrantes no exterior.

Assim como esse projeto de lei era desfavorável aos armadores e aos agentes de migração, estes, depois da aprovação da Lei pela Câmara, fizeram pressão sobre alguns senadores para que a boicotassem no Senado. Então, Scalabrini, enviou a Roma os seus colaboradores da Sociedade de São Rafael e outros amigos, para servirem de observadores: e deu certo. A existência das várias Sociedades de São Rafael foi variada. A de Boston foi a mais longeva, porque viveu até os anos trinta.

É interessante, ao invés, sublinhar a dimensão "ecumênica" da Sociedade de São Rafael, preconizada pelo próprio Scalabrini com o acréscimo no segundo Estatuto, do inciso sobre a "assistência também aos italianos de outras confissões": A Sociedade de São Rafael se propõe a cooperar em manter viva no coração dos italianos migrantes a fé católica e com ela o sentimento de nacionalidade e afeto para com a mãe pátria, a protegê-los contra os múltiplos perigos que se encontram expostos, além de ajudá-los a melhorar o seu bem-estar moral e material. A Sociedade, porém, concilia sempre a sua assistência também aos italianos de outras confissões" (Dos Estatutos da Sociedade de São Rafael, 1892).

Antologia

Nesta pastoral, de 1888, sobre a Igreja Católica, há uma definição de Igreja que é mais "mistério de comunhão" que estrutura hierárquica: inclusive, há um presságio do conciliar "povo de Deus" naquela "grande família das almas que aspiram a Deus". Do ser, nasce o dever ser, e isto é, o compromisso dos leigos no mundo social, político, econômico, cultural. O último pensamento é quase a chave da "totalidade" scalabriniana.

"Até aqui nós consideramos a Igreja enquanto sociedade que ensina e governa. Devemos agora completar a idéia. Porque, notai bem, ó caríssimos: a Igreja não somos somente nós sacerdotes ou clérigos, como gostam de dizer os nossos adversários, que não podendo fazer nada, desprezam o nome clérigo e declaram clericais todos os filhos amorosos da Igreja; não nós somente, mas também vós, pelo Batismo recebido, sois membros e em parte a formais. O que é, de fato, a Igreja no seu significado mais amplo? É, vós sabeis, a sociedade dos redimidos, unidos na profissão de uma só e

mesma fé, na comunhão dos mesmos Sacramentos, na obediência aos mesmos e legítimos Pastores e principalmente ao Pastor Universal, o Romano Pontífice; é a grande família das almas que aspiram a Deus, constituída na ordem hierárquica; é o corpo místico de Cristo, do qual nós somos os seus membros (Ef 5,30).

Daqui deriva, para nós católicos, um outro indispensável dever, aquele, isto é, de cooperar para o maior bem da Igreja, como vemos no corpo humano, no qual todos os membros concorrem no alívio e na defesa do próprio corpo (...). Hoje, como se exprime muito bem um insigne literato moderno, não é mais permitido ficarmos ociosos nas nossas casas suspirando e chorando, quando o fogo da descrença e da imoralidade se dilata e ameaça destruir (como o fogo humano pode fazer) a arca da fé nas nossas cidades.

Saiamos, pois, das nossas tendas e, antes de tudo, lembremos que não temos outras armas que a fé e a caridade. Com estas armas entremos, como as leis civis e a consciência de católicos consentem, na vida pública, sem olhar os partidos políticos, prontos a morrer, antes de pactuar com o falso e com o injusto. Entremos na vida pública, não como inimigos do poder constituído, mas como incansáveis adversários do mal, onde quer que ele esteja; entremos como homens ordeiros, que sabemos, seguindo o exemplo de Cristo e da sua Igreja, tolerar também o mal; mas aprová-lo ou fazê-lo, nós mesmos, nunca (...).

Devemos nisso imitar a estratégia dos inimigos da fé. Eles se associam em mil conluios, e nós damos o nome a quantas mais podemos associações católicas (...).

Não todos podemos fazer tudo, sabemos; mas quem é que não pode fazer alguma coisa? Não vos sentis com coragem suficiente para entrar em campo, enquanto fervilha a luta? Animem, então, aqueles que estão dispostos a entrar; encorajai os combatentes, ao menos com alguma palavra ou sejais ao menos generosos a ponto de não extinguir o ardor com uma brutal indiferença, ou com um glacial silêncio".

A Igreja, no seu pleno significado, a Igreja, querida esposa do Nazareno, a Igreja reino imortal do Deus vivo, a Igreja, corpo místico de Jesus, não é constituída só pelos sacerdotes, nem só pelos Bispos, nem pelo Papa sozinho, mas pelos pastores, juntamente com os fiéis, embora dependam uns dos outros. Qualquer pessoa que tenha recebido o Batismo tornou-se membro deste grande corpo místico: Todos fomos batizados num só corpo (1Cor. 12,13) escreve o Apóstolo aos fiéis de Corinto. Se, portanto, para a saúde do corpo material deve agir cada membro, é claro que todo cristão, sacerdote ou leigo que seja, deve, por ordem própria e na medida de suas próprias forças, participar à incolumidade e ao bem-estar da Igreja católica" (Pastoral sobre a ação católica, 1896).

Discurso aos Comitês Paroquiais

Também neste discurso temos os limites teológicos já vistos e, junto os méritos da sua pastoral que promove a obra do laicato, especialmente em favor do associacionismo católico. Os limites são aqueles de um pensamento que vê no laicato não um sujeito agente em força da sua consagração sacerdotal, profética e régia, mas só um "suplente" ("o laicato católico supra") à ação do Clero (2), impedida por uma sociedade descrente e maçônica que a guia (1). A referência ao "Sacerdócio" no nº 2 não é, infelizmente, ao "sacerdócio dos fiéis", mas àquele "ministerial".

O aspecto positivo, contudo, é a conciliar "consagração das realidades terrenas", isto é, a vida social, política, econômica e cultural (3). Há também bem explícito o modo (5) com que o leigo é chamado a "consagrar" o mundo: aquele de ser "luz", "alma", "vida",

isto é, o fermento do Evangelho, exatamente como quer a "Christifideles laici" de João Paulo II.

O pensamento teológico mais interessante, contudo, é aquele que por um lado liga esta atividade à "vocação" de todo cristão (e não só da classe sacerdotal), que é "a propagação da religião cristã" no mundo (4); e por um outro lado o exemplo da Igreja dos primeiros três séculos, em que todos eram fiéis cristãos, e não sacerdotes, religiosos e leigos cristãos (7,3): Igreja que tornou cristão o mundo pagão:

1 – "É uma suavidade dulcíssima, uma verdadeira consolação para mim, toda vez que me encontro em meio a vós (...).

Um Ministro do Senhor, e muito mais um Bispo, não pode não considerar com alegria a obra dos Comitês Paroquiais, obra do laicato católico nestes dolorosos momentos.

Digo que nós olhamos esta obra com alegria, porque a obra do laicato promete frutos que talvez sem ela seria esperar em vão, ao menos assim abundantes.

Parece-me inútil e nocivo dissimular que contra o clero fervem hoje não só iras irreconciliáveis por parte dos inimigos descrentes, mas ainda suspeitas e preconceitos ingênuos por parte de fracos católicos, que impedem que a sua voz seja escutada com o respeito que se deve (...).

Acrescente-se, ainda, que o Clero, por solene injustiça, é afastado da Universidade, das escolas, dos Institutos; e em muitos outros lugares o seu caráter, e os cuidados que não pode descuidar, lhe é proibido de por o pé.

2. Que mais sábia deliberação, portanto, e mais oportuna do que esta, que o laicato católico supra uma lacuna, e atingindo largamente e com fidelidade às fontes puras e legítimas do Sacerdócio, busque fazer ouvir a sua voz em meio aos adversários e aos desmotivados (=os "fracos católicos"), e imprima por meio das múltiplas obras da caridade cristã, sobre a sua fé a marca de origem divina que se lhe nega?

3 – Diz-se que a sociedade moderna se reconduz pouco a pouco ao estado de paganismo e é infelizmente assim (...). Ora, a mim parece soberanamente belo, que, enquanto o paganismo nos ameaça com a sua funesta presença, se manifestem, desde o início, os fatos gloriosos dos nossos pais, e reapareçam aqueles pais cristãos, aqueles íntegros magistrados, aqueles honestos operários, aqueles jovens corajosos, aqueles estudiosos indefesos, que com os escritos, com as palavras, com as obras, com o exemplo, nas oficinas, nas escolas, nos Municípios, nas conversas familiares e públicas procuram manter as razões da Santa Igreja (...). Essa é a finalidade de quem entra a fazer parte nos Comitês Paroquiais e nas Associações Católicas, assim que eu exulto ao ver que, graças ao zelo dos seus dignos presidentes, estes Comitês e essas Associações vão alcançando, mesmo entre nós, crescente desenvolvimento e já podem ser considerados um fato concluído. Deus abençoe, meus caros e generosos filhos, aos vossos nobres e oportunos entendimentos, e a Sua graça esteja convosco, a fim de que a semente que lançais na terra e regais com os vossos suores, cresça também numa messe de muita fertilidade. Isso ocorrerá, com certeza, se cada um de vós responder, como deve, ao espírito da própria vocação.

4 – Sim, a religião católica fez o homem conhecer a sua grandeza, revelando-lhe claramente o altíssimo fim para o qual foi criado; impôs-lhe, outrossim, deveres proporcionais à sublimidade deste mesmo fim (...).

A ascensão e a queda dos impérios, as revoluções dos povos, o agitar-se e o perturbar-se das nações, não são senão, pequena nuvem de poeira na imensidão do espaço. Só a religião aparece como a única, verdadeiramente importante, e sua propagação e seu triunfo, como a suprema razão da providência divina, nos acontecimentos humanos. Nada fica isolado neste grandioso desígnio. Um ser se liga ao outro, uma nação à outra; todos os indivíduos, como todas as nações têm a sua responsabilidade e a parte de trabalho, na perfeição do edifício. Cumprir esta tarefa é corresponder às intenções da Providência (...), deixá-la imperfeita, é abalar a ordem estabelecida por Deus, trair as suas expectativas (...).

5 – É, portanto, ó meus caros, um erro acreditar que a religião não imponha deveres para além do pequeno círculo da vida privada e que ela não entre nas relações do indivíduo com a sociedade. Deus é criador de tudo; porém, é impossível que Ele, no mundo no qual vivemos, nos movemos e somos, não vivifique a criação universal. A religião é a primeira e a mais potente das idéias; é, portanto, impossível que ele não anime e não seja luz, calor e vida a todos. A religião não é a literatura, mas a enobrece; não é a arte, mas a inspira; não é a ciência, mas a ilumina, não é a família, mas a governa; não é o indivíduo, mas o move. Assim não é a sociedade, não é a civilização, não é o Estado, não é a lei humana, não é o governante, mas tem sempre uma maior ou menor eficácia na sociedade, na civilização, no Estado, na lei, nos governantes; e a razão é que o Catolicismo não é somente a verdade religiosa: ele é a verdade completa e, por conseqüência, a verdade econômica, a verdade política, a verdade social.

6 – De tudo isso, conclui-se que a todos os que têm no peito um coração cristão e conservam íntegro e incorruptível o sentimento moral não lhes é permitido mirar com olho indiferente tudo aquilo que acontece entre nós com relação à religião, mas devem, ao invés, aplicar toda a atividade, toda a energia da qual são capazes para oporem-se aos esforços da irreligião e aos progressos da imoralidade, a fim de defenderem e fazerem triunfar a fé dos nossos pais.

Sim, é verdade: combater os erros e defender a religião é ofício principalmente do Sacerdócio. (...) Mas seria outro erro gravíssimo acreditar ser a defesa da religião débito exclusivo do Clero, quando, ao invés, é um dever geral de todos aqueles que gozam as vantagens e a professam e, portanto, também dos leigos. Com o Batismo eles se tornaram filhos da Igreja e são obrigados a proteger os interesses de sua Mãe; com a Confirmação se tornaram soldados dessa mesma Igreja e devem defendê-la contra os ataques de seus inimigos. É, por outro lado, com a prática de boas obras que nós todos, leigos e eclesiásticos, devemos garantir a nossa saúde (...).

7 – Nunca os católicos de todos os tempos demonstraram crer diferentemente. A história nos diz, pelo contrário, que o sacerdócio se foi o primeiro sempre, não foi nunca só nesta nobre empreitada. Nos primeiros três séculos da Igreja, que foram testemunhos daquela grande luta que terminou com a destruição da idolatria e o estabelecimento definitivo do catolicismo, clero e povo, como eram unidos na caridade, assim o eram na defesa ativa da religião (...).

Este dever, ó meus caros, vós o compreendestes e vos preparastes para cumpri-lo com coragem e com ardor (...). Nada se faça senão na estreita dependência do princípio hierárquico. O laicato católico, se quer ser de verdade instrumento de saúde nas mãos de Deus, deve manter-se no seu posto. Ele na Igreja não é capitão, mas soldado; não é mestre, mas discípulo; não é pastor, mas ovelha e os seus olhos devem estar fixos nos Bispos, e principalmente no Bispo dos Bispos (...).

*livre tradução do folder "Venerabile G.B. Scalabrini Vescovo e Fondatore – Scalabrini e i laici".